



DIALÉTICA E FILOSOFIA DA PRÁXIS

Maria Del Carmen Cortizo¹

Resumo

O presente texto tem por objetivo apresentar o conceito de dialética desenvolvido por Antonio Gramsci, como contribuição ao debate sobre as relações entre a teoria e a prática no âmbito do Serviço Social, desde que para o autor teoria e prática formam uma unidade orgânica. Inicialmente realizamos algumas considerações sobre o percurso que, na filosofia ocidental, tiveram os problemas do devir e da permanência, e da unidade e da multiplicidade, que levaram ao desenvolvimento da dialética. Apresentando-se a seguir o tratamento que Gramsci deu à dialética marxista, no sentido de afirmá-la, não como um método a mais de compreensão da realidade, mas como uma teoria do conhecimento que forma parte da *filosofia da práxis*.

Palavras-Chave: Filosofia da práxis. Dialética; Marxismo.

1. No texto do socialismo utópico ao socialismo científico, Engels (1987) assinala que os dois momentos fundantes da dialética ocidental foram: a filosofia de Heráclito, que enuncia pela primeira vez esta concepção, e a filosofia de Hegel, que restitui a dialética ao seu lugar de “suprema forma de pensamento”.

As primeiras concepções da dialética surgem vinculadas às elaborações dos gregos a partir de Heráclito, nas quais se enfatiza o caráter variável de todas as coisas, se concebe a realidade como um processo e se elucida o papel que este processo desenvolve na transformação de todas as propriedades das coisas nas suas propriedades contrárias. Porém nesse momento não se utiliza o termo “dialética”, que ainda designava a arte do diálogo e da discussão: a capacidade de manter uma discussão através de perguntas e respostas; a arte de classificar os conceitos, de dividir as coisas em gêneros e espécies (ROSENAL p. 155-157).

No medievo e na modernidade é a metafísica que se torna a filosofia hegemônica, somente com Hegel a dialética retorna e se desenvolve.

1.1. Considerado um dos mais importantes filósofos pré-socráticos, Heráclito (535 a. C. – 475 a. C.) refletiu sobre as relações entre a unidade e a diversidade e entre a permanência e a mudança, tendo como principais temas “o mundo como fluxo ou vir a ser permanente e eterno; a ordem e justiça do mundo pela guerra dos contrários; a unidade na multiplicidade; o fogo primordial como *phýsis*; e a afirmação de que o conhecimento verdadeiro é inteiramente intelectual.” (CHAUÍ, 2002, p. 81). Estes assuntos são recorrentes e aparecem sempre interligados nos breves fragmentos dos escritos do filósofo que chegaram até nós, de modo que o tratamento de um remete necessariamente à consideração do outro.

Dois desses temas são fundamentais: o mundo como devir eterno e a unidade na multiplicidade, que provém da luta dos contrários. Como conhecido exemplo do primeiro podemos lembrar os versos em que o filósofo afirma que não podemos entrar duas vezes no mesmo rio, já que nem as águas nem nós somos nunca mais os mesmos. Consequentemente, tudo flui, tudo se move, tudo passa incessantemente. O mundo é mudança contínua de todas as coisas e a permanência e pura ilusão. O segundo dos temas,

¹ maria.ufsc@gmail.com - Departamento de Serviço Social – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).



a questão da luta dos contrários, como fundamento da unidade, está presente, entre outros, nos versos em que afirma que a guerra é o pai e o rei de todas as coisas.

A partir desse momento estavam colocados os alicerces do pensamento dialético, em contraposição ao imobilismo de Parmênides.

1.2. Platão e Aristóteles também deram atenção à dialética, porém a partir de diferentes pontos de vista. Platão, seguindo Parmênides e a escola de Eleia, define o ser verdadeiro como idêntico e invariável, mas, nos diálogos: Sofista e Parmênides acaba justificando conclusões dialéticas, no sentido de que os gêneros superiores do que “é” somente podem conceber-se de modo que cada um deles seja e não seja, resulte igual a si mesmo e não igual, seja idêntico a si mesmo e se transforme no seu “outro”. Justamente por estes motivos o ser inclui em si contradições: é um e múltiplo, eterno e transitório, invariável e variável, repousa e se move. Deste modo, a contradição é a condição necessária para induzir à alma a cogitar, e a dialética é a arte deste processo.

Aristóteles por sua vez, distingue a dialética como ciência dos argumentos prováveis, da analítica como ciência da demonstração.

Na escolástica medieval a dialética é a denominação da lógica formal, em contraposição à retórica. Já na Modernidade, apesar do predomínio da metafísica, Descartes e Espinoza oferecem exemplos de pensamento dialético. O primeiro na cosmogonia e o segundo na teoria sobre a substância como causa de si mesma. No século XVIII Rousseau pensa as contradições como condição do desenvolvimento histórico. E Diderot estuda as contradições na consciência social do seu tempo.

Para além dessas análises pontuais, o momento fundamental de “retorno da dialética” foi certamente o desenvolvimento do idealismo alemão, a começar por Kant e chegando a Hegel.

O primeiro a abrir uma brecha no pensamento metafísico predominante foi Kant, quem assinala o valor das forças contrárias nos processos físico e cosmogônico, introduzindo – depois de Descartes – a ideia de desenvolvimento no conhecimento da natureza. Por sua vez na sua gnosiologia a dialética está presente na teoria das antinomias, não obstante a dialética da razão é ilusória e desaparece assim que o pensamento volta aos limites do conhecimento dos fenômenos.

Também Fichte e Schelling apresentam algumas aproximações com a dialética, mas será com Hegel que por primeira vez se chega a conceber todo o mundo da natureza, da história e do espírito como um processo em constante movimento, cambio, transformação e desenvolvimento, colocando-se em relevo a conexão interna desse movimento e desenvolvimento.

O desenvolvimento do mundo é o resultado de forças opostas e é o desenvolvimento do Espírito Absoluto que leva ao desenvolvimento do mundo real. São as ideias – o abstrato – o ponto de partida que produz o mundo real – o concreto –, e o fazem seguindo três leis: a lei da união dos opostos, a lei da negação da negação e a lei da transformação da quantidade em qualidade.

Trata-se de uma visão dialética idealista que considera que todo objeto real é produto do pensamento humano. Em seu método o processo de conhecimento parte do ideal (pensamento, mundo das ideias) para o real (objeto concreto).

1.3. Ao desenvolver os princípios do materialismo dialético Marx avalia que Hegel teria realizado uma inversão do processo:

Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de Ideia, chega mesmo a transformar num sujeito autônomo, é o demiurgo [criador] do processo



efetivo, o qual constitui apenas a manifestação externa do primeiro. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material transposto e traduzido na cabeça do homem (MARX, 2013, p. 90).

Neste sentido, para Marx, a dialética de Hegel está invertida, ou ainda mistificada. Enquanto Hegel parte do ideal para o real, Marx parte do real para o ideal. Ou seja, em Marx, é o objeto concreto real o ponto de partida do processo de conhecimento, pois é a partir das condições de vida objetivas que os homens pensam, agem e se reproduzem socialmente.

A partir dessa nova perspectiva, Marx estuda exaustivamente o seu objeto – a sociedade capitalista compreendida em toda sua complexidade – desenvolvendo suas reflexões com um “olhar dialético”, deixando em seu legado teórico-metodológico não um tratado sobre o método, mas a análise da lógica do capital. Por outro lado, a dialética marxista é mais que um simples método de pesquisa, é uma concepção de mundo, uma forma diferente de ver, interpretar e transformar a realidade,

É por isso que em sua primeira formulação filosófica, na 11ª Tese sobre Feuerbach, ele [Marx] diz: o problema não está em interpretar a realidade, mas em transformá-la. Logo, o marxismo não é uma teoria científica como as outras, não visa simplesmente descrever ou explicar, mas visa *transformar* a realidade, visa uma transformação revolucionária (LÖWY, 1988, p. 18).

Neste sentido, Löwy destaca a proeminência revolucionária da dialética marxista. Trata-se de uma concepção teórico-prática que procura a transformação radical da sociedade, consagrada já por Marx na 11ª Tese sobre Feuerbach.

As características do materialismo dialético podem ser sistematizadas resumidamente a través do enunciado dos seus princípios, leis e categorias de análise (RICHARDSON, 1999):

Os princípios fundamentais do materialismo dialético são: 1º) o princípio da conexão universal dos objetos e fenômenos: os objetos não existem isolados, mas interligados e determinados mutuamente; 2º) o princípio do movimento permanente e do desenvolvimento: tudo está em movimento e a fonte do movimento são as contradições internas do objeto ou fenômeno, sendo que a acumulação de mudanças quantitativas leva a transformações qualitativas.

As leis do materialismo dialético são: 1º) a lei da unidade e luta dos contrários, ligada ao princípio da conexão universal; 2º) a lei da transformação da quantidade em qualidade e vice-versa; 3º) a lei da negação da negação.

Segundo Cury (*apud* RICHARDSON, 1999, p. 49) as categorias do materialismo dialético “possuem simultaneamente a função de intérpretes do real e de indicadoras de uma estratégia política. As categorias são o instrumento metodológico da dialética para analisar os fenômenos à luz da natureza e da sociedade”. Além disso, são objetivas, desde que têm como fonte os objetos ou fenômenos, e todas estão relacionadas entre si, de modo que para o estudo de um objeto não precisam ser utilizadas todas as categorias, bastando escolher uma ou algumas. Elas são as relações: 1) individual-particular-geral; 2) causa-efeito; 3) necessidade-causalidade; 4) essência-aparência; 5) conteúdo-forma; 6) possibilidade-realidade.

2. Dentre os posteriores desenvolvimentos do marxismo em torno à dialética, acreditamos que Gramsci nos proporciona as mais interessantes indicações para pensar a unidade orgânica de teoria e prática. O autor não realiza apenas uma apropriação passiva



das contribuições de Marx, faz uma releitura à luz das condições objetivas da Itália e das possibilidades de uma revolução socialista neste país.

Em 1958 Bobbio (1999, p. 27) escreve: “o tema central para o estudo do marxismo teórico continua a ser o tema da dialética”, realizando a continuação um breve estudo sobre o conceito de dialética em Gramsci. Seguindo esse estudo iniciamos a nossa exposição sobre os princípios fundamentais da dialética gramsciana.

A partir das passagens que sobre o tema constam nos Cadernos do Cárcere, Bobbio desenvolve as argumentações em torno a três questões: 1º) a importância que Gramsci atribui ao conceito de dialética; 2º) os diversos significados que o termo assume no seu discurso; e 3º) a função que tal conceito desempenha no seu pensamento.

2.1. Sobre a primeira questão, Bobbio equaciona a importância que Gramsci atribui ao conceito de dialética face ao desenvolvimento do conceito de *filosofia da práxis*, seguindo nessa direção, o raciocínio do próprio Gramsci:

A função e o significado da dialética só podem ser concebidos em toda a sua fundamentalidade se a filosofia da práxis for concebida como uma filosofia integral e original, que inicia uma nova fase na história e no desenvolvimento mundial do pensamento na medida em que supera (e, superando, inclui em si os seus elementos vitais) tanto o idealismo quanto o materialismo tradicionais, expressões das velhas sociedades. (GRAMSCI, 1999, p. 143)

Em Gramsci a dialética somente pode ser entendida em relação direta com a *filosofia da práxis*. No início do período do cárcere, o autor ainda utiliza o conceito de materialismo histórico, mas progressivamente o substitui pelo de *filosofia da práxis*. Com a substituição se enfatiza a unidade indissolúvel entre pensamento e ação – por vezes definida como práxis – colocando-se a ênfase no potencial necessariamente revolucionário desta concepção de mundo, cuja difusão nas massas teria o efeito de um cambio civilizatório comparável à Reforma Protestante.

Por este caminho, a tarefa que Gramsci assume é a de recuperar o marxismo das contaminações do mecanicismo e do materialismo metafísico, aunar a maior complexidade teórica e rigor de pensamento com a adesão das massas, expressa na unidade entre intelectuais orgânicos e classes subalternas. A *filosofia da práxis* plenamente desenvolvida seria uma espécie de cume do espírito humano, unidade do máximo refinamento crítico com a maior eficácia no que tange à expansão nas massas. Distingue-se de todos os sistemas de pensamento anteriores não somente pelos seus postulados, mas pelos seus objetivos, pelo tipo de relação que estabelece com a sociedade e com os diferentes grupos sociais (CAMPIONE, 2007, p. 65-68).

Assim, a dialética não pode ser considerada uma subespécie da lógica formal, ela é uma nova lógica, uma nova teoria do conhecimento que produz uma articulação de conceitos de diferentes áreas (história, política, economia), da qual resulta uma unidade orgânica, do mesmo modo que se encontram unidos organicamente o método e a aplicação do método.

Segundo Bobbio (1999, p. 29):

O conceito de Gramsci, ao que parece, é o seguinte: a separação do capítulo da dialética do tratamento dos problemas históricos e econômicos impede que o método dialético revele todo o seu poder inventivo e construtivo. [...] Ele [Gramsci] afirma que, na ciência da dialética ou gnosiologia, tal como ele a entende, “os conceitos gerais de história, de política, de economia se articulam numa unidade orgânica”; e, portanto, a dialética não pode ser separada, como teoria do método, da aplicação do método aos problemas da interpretação histórica, econômica e política.



Enquanto nova filosofia, nova concepção de mundo, novo modo de pensar, a dialética não é dogmática e não oferece certezas peremptórias, portanto, vai contra o senso comum vulgar.

2.2. Em relação à segunda questão, nos textos de Gramsci podem distinguir-se, segundo Bobbio (1999), pelo menos dois significados fundamentais: a dialética como “ação recíproca”, em referência a: relação, conexão, unidade; e a dialética como “processo por tese, antítese e síntese”, em referência a: movimento, processo, desenvolvimento.

2.2.1. No primeiro dos sentidos, ou seja, no sentido de ação recíproca, o termo dialética é usado na fundamental relação de identidade que existe entre teoria e prática no marxismo:

Se o problema de identificar teoria e prática se coloca, isto se dá no sentido de construir, sobre uma determinada prática, uma teoria que, coincidindo e identificando-se com os elementos da própria prática, acelere o processo histórico em ato, tornando a prática mais homogênea, coerente, eficiente em todos os seus elementos, ou seja, potenciando-a ao máximo; ou, dada uma certa posição teórica, no sentido de organizar o elemento prático indispensável para a sua realização. (GRAMSCI, 1999, p. 260)

Segundo Gramsci a identificação entre teoria e prática é um ato crítico, através do qual a prática é concebida em termos racionais e necessários e a teoria de modo realista e racional.

Salvadori (2007, p. 215-216) enuncia os elementos constitutivos dessa relação teoria-prática do seguinte modo: 1) existe um nexos de identidade entre teoria e prática; 2) esse nexos tem caráter dialético (à teoria é atribuída a tarefa de tornar mais eficiente a prática e de acelerar o processo histórico, tarefa reguladora não formal, mas concreta e baseada sobre uma condição de relacionamento recíproco; 3) na concepção gramsciana se atribui à prática o atributo de racionalidade-necessidade e à teoria o de realismo-racionalidade, de este modo a prática se torna racional-necessária, por meio da teoria, e a teoria se torna realista-racional, por meio da prática.

Para Gramsci a escolha teórica pela *filosofia da práxis* já é um fato político que produz necessariamente “práticas” políticas: “não se pode separar a filosofia da política; ao contrário, pode-se demonstrar que a escolha e a crítica de uma concepção de mundo são, também elas, fatos políticos” (GRAMSCI, 1999, p. 97).

Além desse uso Gramsci utiliza dialética, no sentido de ação recíproca, nas relações que estabelece entre intelectuais e massa e entre estrutura e superestrutura cuja unidade, em certa situação histórica, denomina “bloco histórico”.

A relação dialética intelectuais/massa deve ser entendida partindo do pressuposto de que para Gramsci todas as pessoas são intelectuais, no sentido de que toda atividade humana possui um grau de atividade intelectual e também de que todos têm uma cultura, uma concepção de mundo construída no interior do seu grupo social. Não pode deixar de existir, nesta perspectiva, uma relação recíproca entre quem aprende e quem ensina. Como diz Semeraro (2006, p. 137-138):

O exercício da intelectualidade, portanto, função da inteira coletividade, é dialético, o que justifica em Gramsci a formulação de “intelectual coletivo” e de “filósofo democrático”. [...] Na III tese sobre Feuerbach Marx havia já apontado para a relação recíproca transformadora entre “circunstâncias” e educação. Mas, Gramsci explicita e aprofunda essa inseparável relação dialética entre intelectual e mundo circunstante, entre a estrutura e a superestrutura, entre o que está dado e a iniciativa



**SEMINÁRIO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL,
TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis SC - 27 a 29 de Outubro de 2015**

de sujeitos organizados, de modo a gerar uma “catarse” pessoal e social, um processo de subjetivação ético-política que caracteriza a construção do conhecimento e a prática de ensino-aprendizagem coletivo.

Por sua vez, a ação recíproca presente na formação de um bloco histórico, requer necessariamente que estrutura e superestrutura estejam ligadas organicamente.

Essa organicidade é definida abstratamente por Gramsci como a necessidade de o movimento superestrutural do bloco histórico evoluir nos limites de desenvolvimento da estrutura, mas também, mais concretamente, como a obra dos grupos sociais encarregados de gerir as atividades superestruturais. (PORTELLI, 1977, p. 54)

Um exemplo dessa concepção quando Gramsci, seguindo Marx, fixa as condições estruturais de desenvolvimento da superestrutura: a sociedade não se coloca tarefas para as quais não existam as condições necessárias e suficientes (pelo menos em vias de formação); e nenhuma sociedade se dissolve sem ter desenvolvido todas as formas de vida contidas nas suas relações.

2.2.2. No segundo sentido presente nos Cadernos do Cárcere – conforme apontado por Bobbio (1999, p. 31) – isto é, como processo tese/antítese/síntese, a dialética é uma concepção da história e da natureza ligada à ideia de que a realidade histórica é contraditória, portanto o instrumento adequado para compreendê-la e supera-la é a dialética. Neste sentido, o marxismo – enquanto filosofia – permite adquirir uma consciência mais plena das contradições, e se coloca ele mesmo, como elemento de contraditoriedade da história:

A filosofia da práxis é uma reforma e um desenvolvimento do hegelianismo, é uma filosofia libertada (ou que busca se libertar) de todo elemento ideológico unilateral e fanático, é a consciência plena das contradições, na qual o próprio filósofo – entendido individualmente ou como todo um grupo social – não só compreende as contradições, mas coloca a si mesmo como elemento e princípio de conhecimento e, portanto, de ação. (GRAMSCI, 1999, p. 204)

Nesse processo é importante destacar que a centralidade é da *antítese*, e não da *tese*, pois não pode determinar-se a priori o *que* da tese será conservado na *síntese* (BOBBIO, 1999, p. 39). A dialética é construção e reconstrução, porém, não deve haver a preocupação em garantir que uma parte da tese seja conservada na *antítese*. A *antítese* é a negação da tese, constituindo a *síntese* a negação desta primeira negação.

Desta forma, Gramsci indica a vivacidade da história, sua dinâmica e característica continuidade, sendo impossível recortar um pequeno espaço de tempo, medi-lo e analisá-lo isoladamente.

Facilmente pode ceder-se à tentação do uso mecanicista do método, tentar prever o desenvolvimento da história antes mesmo de realizar a análise e predispondo uma direção ao processo. O autor denomina esse tipo de concepção como “racionalismo anti-historicista”. Gramsci critica a previsão histórica, que em última instância se transforma em conformismo:

A afirmação de que a *antítese* prolonga e conserva a *tese* dá origem à pretensão – que é característica permanente e constitutiva de todo reformismo – de elaborar uma história programada, e, como tal, sufoca toda vontade revolucionária (BOBBIO, 1999, p. 40).



A pretensão de prever a história, ou de antever os caminhos do processo histórico é contrária à dialética, pois, modifica o sentido da historicidade nas análises do real e ignora a participação dos homens na construção da própria história.

3. Com Gramsci a dialética chega a outro patamar, desde que a crítica ao mecanicismo economicista e a afirmação do historicismo absoluto lhe permitem continuar o desenvolvimento do materialismo histórico, agora *filosofia da práxis*.

Filosofia que afirma a unidade indissolúvel entre pensamento e ação, definindo esta unidade como práxis. Gramsci traslada a ênfase do elemento materialista, de origem metafísica e que tende a deshistorizar e desumanizar, para o elemento histórico da categoria materialismo histórico. Por tanto, a filosofia da práxis é o historicismo absoluto, a mundanização e terrenalidade absoluta do pensamento, um humanismo absoluto da história (CAMPIONE, 2007, p. 78-79).

Por estes motivos Gramsci atualiza seus estudos sobre as possibilidades de transformação revolucionária da cultura italiana da época, entendendo o presente como o “resumo” dos acontecimentos passados. Então, o presente não pode ser levado em conta por si só, mas também precisa, necessariamente, ser estudado a partir da sua história:

No sentido mais imediato e determinado, não se pode ser filósofo – isto é, ter uma concepção de mundo criticamente coerente – sem a consciência da própria historicidade, da fase de desenvolvimento por ela apresentada e do fato de que ela está em contradição com outras concepções ou com elementos de outras concepções (GRAMSCI, 1999, p. 95).

Segundo Gramsci (Bobbio, 1999) se houver a separação entre a dialética e os problemas históricos e econômicos, não seria possível que o método revele todo o seu poder inventivo e construtivo. Assim, entende-se que a história é um elemento primordial e insubstituível na análise do real. Sem a análise histórica do objeto, este perde a conexão com o movimento geral da sociedade e fica deslocado da totalidade do real. É como se o objeto tivesse apenas características particulares ou singulares, pois é analisado separado das generalidades que também o constituem.

Gramsci desenvolveu estas argumentações em debate, por um lado, com o idealismo de Benedetto Croce, e por outro, com o reducionismo economicista marxista. Contudo, Gramsci reconhece que a vulgarização do marxismo respondeu a necessidades estratégicas de difusão dos seus princípios junto aos setores populares:

Gramsci reconhece que se ha producido una ‘vulgarización’ del marxismo, provocada por la necesidad de atraer a masas muy atrasadas, ganadas por concepciones propias del ‘materialismo vulgar’. El marxismo debía hacerse simple, claro, lineal, repetir constantemente unos pocos conceptos, desarrollar un tipo de argumentación a veces más próxima a la de los párrocos de aldea que a una exposición rigurosa y crítica. (CAMPIONE, 2007, p. 67)

Mas, essa necessidade de conquista das massas é inelutável para uma filosofia que se define como uma práxis radicalmente transformadora, não como um sistema especulativo. Nesse ponto, surge com força a importância fundamental da atuação dos intelectuais em unidade orgânica com as massas, e da teoria em unidade orgânica com a prática.

Gramsci deu à dialética marxista o sentido de afirma-la não como um método que se aplica para a compreensão e transformação da realidade, mas como uma concepção de mundo que entende e transforma no mesmo movimento. Isto permite re-significar as relações teoria-prática, pensamento-ação, intelectuais-política, enfatizando o caráter não de



pares em relação, mas de unidades articuladas organicamente e em desenvolvimento processual na história.

Por estes motivos na *filosofia da práxis* a pergunta: “na prática a teoria é outra?” não faz sentido.

REFERÊNCIAS

- BOBBIO, Norberto. **Ensaio sobre Gramsci** e o conceito de sociedade civil. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CAMPIONE, D. **Para leer a Gramsci**. Buenos Aires: Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini, 2007.
- CHAUÍ, M. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ENGELS, F. Del socialismo utópico al socialismo científico. In: MARX, C. – ENGELS, F. **Obras Escogidas**. Buenos Aires: Cartago, 1987. Tomo IV, p. 269-323.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Volume 1. Edição e tradução: Carlos Nelson Coutinho; co-edição: Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- LÖWY, Michael. **Ideologias e Ciência Social**: Elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 1988.
- MARX, Karl. Posfácio da Segunda Edição. In: **O Capital**, Vol.1. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 83-91.
- PORTELLI, H. **Gramsci e o bloco histórico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- RICHARDSON, R. J.; PERES, J. A. de S. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.
- ROSENTAL, M. M. **Diccionario filosófico**. Buenos Aires: Ediciones Pueblos Unidos, 1984.
- SALVADORI, M. **Gramsci e il problema storico dela democrazia**. Roma: Viella, 2007.
- SEMERARO, G. **Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis**. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.